

# NOVO EXTREMISMO FRANCÊS E O TEMPO POR SUBTRAÇÃO EM NOÉ

*Lohayne Lima<sup>1</sup>*

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma tentativa de delinear mais claramente as concepções de filmes transgressivos do cinema contemporâneo francês, denominado pelo crítico da Artforum, James Quandt, de Novo Extremismo Francês. Analisarei um dos mais representativos cineastas desta tendência, com um título específico: Gaspar Noé, com “*Irréversible*” (2002). Essa tendência insurge no Cinema Francês com um retrato da sociedade contemporânea pela exacerbação da sexualidade, superficialidade das relações, individualismo. Tratam-se portanto de filmes cáusticos, que se agregam a uma crueza espantosa a fim de representar o que tem o mundo de excessivamente concreto e, por conseguinte, obscuro.

**Palavras-chave:** Cinema Contemporâneo 1. Estética 2. Transgressão 3. Gaspar Noé 4. Novo Extremismo Francês 5.

## NEW FRENCH EXTREMITY AND TIME FOR ABDUCTION IN NOÉ

## ABSTRACT

This research presents an attempt to delineate more clearly the concepts of transgressive films of French contemporary cinema, denominated by Artforum critic James Quandt, New French Extremity. Will be analyzed one of the most significant filmmakers of this movement, Gaspar Noé, with a specific title: *Irreversible* (2002). This movement opposes to French Cinema with a contemporary society portrait by the exacerbation of sexuality, superficiality of relationships and individualism. They are, therefore, caustic films, which add a remarkable rawness in order to represent what the world has overly concrete and obscene.

**Keywords:** Contemporary Cinema 1. Esthetics 2. Transgression 3. Gaspar Noé 4. New French Extremity 5.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Cinema e Audiovisual, ICA/UFC. Matrícula: 335716.

## 1. INTRODUÇÃO

O Novo Extremismo Francês é uma tendência cinematográfica que evidencia os sintomas de uma crise social contemporânea e os transforma em uma narrativa da sociedade. Termo cunhado pelo crítico da Artforum, James Quandt, essa tendência designa o cinema transgressivo francês que teve início na década de 1990 e se estende até o presente. Associados a esse cinema, destaco alguns dos principais: François Ozon, Gaspar Noé, Leos Carax, Bruno Dumont, Catherine Breillat, Philippe Grandrieux, Lukacs Moodysson, Claire Denis, Marina de Van. Em seu fazer, esses realizadores trabalham questões de um modo de existência, no qual a realidade tenta se emendar por um cinema transgressivo e é apresentada pelo ficcional.

O estranhamento que esse cinema pode sugerir, ajuda a pensar a volta do indivíduo ao modo imanente do ser. Segundo Jean Baudrillard (2004), um dos principais teóricos na investigação da crise social contemporânea, a desordem é parte integrante da vida desse indivíduo, logo está sujeita à irracionalidade da sociedade. Daí, essa tendência cinematográfica colocar-se como forma de se ter um rastro da sociedade contemporânea: aparência, comportamento, no que essa tem de negativo e provocador. Com isso, se dá o destrutivo e o transgressivo. O modo de fazer cinema articula-se na capacidade do posicionar a câmera e escolher o quadro para provar força desse.

A partir do uso de uma estética que remete a elementos do cinema tradicional francês e a elementos do cinema de gênero hollywoodiano, revela-se um tom fatalista ao explorar aspectos da moralidade contemporânea. Contudo, não há como pensá-lo em um viés moralista. É um cinema cru, transgressor. Deslocado de um modelo de narrativa clássica, a singularidade dessa tendência está no deixar-se atravessar por uma relação orgânica entre o ato de filmagem e de criação. É constante que a narrativa incorpore uma ironia própria de seus realizadores ao mesmo tempo em que desconstrói a realidade.

Esse cinema foge da limitação do que é passível de fazer sentido. Não quer saber o porquê. Não lhe interessa o porquê. Pode-se perguntar sempre o porquê das ações de seus personagens. Não há resposta. Filma-se por acrobáticas e aéreas piruetas. Filma-se como gesto. Filma-se para provocar o espectador. Filma-se porque é preciso. Diálogo. Monólogo. Silêncio. O silêncio abismal. Filma-se a medida do silêncio na sociedade contemporânea. O espectador vê os filmes em silêncio. Desordem. Organicidade. Assim são esses filmes: o enviesado, o oblíquo da vida. Pelo íntimo, a vida oblíqua expõe extremos. Não há a segurança do compreensível, das retas e paralelas. É insolitamente

enviesado. Entrega-se ao desconhecido. Acaso e fatalidade em contingência. A existência em um tempo sutilmente fatal.

Muitas vezes são os extremos que mais nos ensinam sobre os estados intermediários: gelo e vapor nos revelam mais sobre a natureza da água do que a própria água (MURCH, 2004, p.13).

Debruço-me sobre o Novo Extremismo Francês. Mergulho de uma vez nesse fazer Cinema pela análise de um dos mais representativos realizadores desta tendência, com uma obra específica: Gaspar Noé, com “Irréversible” (2002). Escrevo portanto não apenas para definir essa tendência, mas também para cartografar seu potencial transgressivo, pela análise de uma de suas mais abrasivas produções que evidencia com crueza o não palatável retrato de uma sociedade contemporânea.

## 2. O TEMPO, ELEMENTO DE TRANSGRESSÃO

Le Ténia. Solitária. Verme hermafrodita que se autofecunda, originando um grande número de ovos (cisticercos), antes que as *proglótides* desprendam-se do animal hospedeiro intermediário – no caso, boi ou porco. Ao comer carne de porco ou de boi contaminada, o ser humano ingere um ou mais cisticercos. Estes têm sua parede externa digerida pelas enzimas digestivas do corpo humano, liberando suas larvas. O ser humano, hospedeiro definitivo, traz o verme fixado na parede intestinal, onde este se desenvolve até se tornar verme adulto. Achatado. Desagradável. Parasita. Absorve o alimento pela superfície do corpo. Em três regiões está dividido: escólex ou “cabeça”, onde ficam os ganchos por meio dos quais o verme fixa-se à parede intestinal do hospedeiro; estróbilo, composto por cerca de mil segmentos ou anéis (*proglótides*); colo, onde se origina os *proglótides*, que sofrem transformações em tamanho e amadurecimento sexual. Os *proglótides* maduros, quando na porção final do corpo do verme adulto, destacam-se e são eliminadas pelo hospedeiro definitivo em suas fezes.

A parte final do intestino, onde tem início o processo de eliminação das fezes, chama-se reto. Le Rectum. Barulho de sirenes. Externa. Noite. Frente da Boate Le Rectum. Um homem sai de dentro da boate em uma maca. Sirenes ligadas. Insultos são clamados por algumas pessoas que estão no local. Mas está tudo muito confuso para se ter uma ideia do que aconteceu ali. A câmera se porta como um inseto<sup>2</sup>, procurando pelos

---

<sup>2</sup> *Irréversible* foi inteiramente filmado em 16mm. Essa escolha permitiu a Gaspar Noé usar uma câmera leve e prática. A imagem foi transposta para 35mm em processo digital.

personagens. Invade um carro e outro. Por fim, em vertigem, e estamos adentrando Le Rectum: açoites; penetração; *fisting*; masturbação; felação; chicotes; pinças. Marcus e Pierre estão procurando Le Ténia. E nessa procura eles vão adentrando cada vez mais em Le Rectum. Le Ténia está na parede intestinal, fixada pelos seis ganchos do seu escólex ou “cabeça” (16m44)<sup>3</sup>.

*Marcus - Hé! Vous connaissez un mec qui s'appelle Le Ténia?*

*Marcus - Toi connais Le Ténia?*

*Personne - Je l'ai eu dans mon estomac.*

Noé explora em seu filme o ser humano, enquanto animal, movido por um instinto primitivo: o sexual. O animalesco de seus personagens. Não há limite para as suas ações. Fatalista. Irônico. Imediatista. Expõe com isso toda a sujeira que envolve a situação: um estupro e a vingança deste. Marcus busca Le Ténia para vingar o estupro que este cometeu contra a sua Alex. Marcus está impulsivo, instável, louco. Seguindo o conselho de Mourad, ele toma a vingança como um direito. Ex-namorado de Alex e amigo de Marcus, Pierre o acompanha, tenta detê-lo. "Nem mesmo os animais se vingam", aconselha Pierre (15m 20). Em outro momento, Pierre exclama: “Você está louco e está me deixando louco” (23m34).

Efêmero. Transitório. O tempo como lugar de perpétua mutação. Não há espaço para acaso. O tempo modula as ações sem deixar espaço para escolhas. É impossível mudar ou interferir no curso da história, inclusive da sua própria. No chão de Le Rectum, derrotado pelo suposto Le Ténia está Marcus. Pierre vem em sua defesa, surpreende o agressor com um extintor de incêndio. Detalhe do escólex esmagado. Rosto impassivo de Pierre e, em contra plano, o verdadeiro Le Ténia esboça um sorriso de prazer.

Não há julgamento moral entre o que está à frente e o que está atrás, entre internas e externas, entre presente e passado. Fundo e forma coabitam e se ilustram mutuamente. Montar não é mais lapidar o material bruto em direção a uma forma significativa, porém gerar um contínuo pela soma das intensidades de cada sequência. Expressar uma provocação. Dar ênfase ao bruto. Captar os personagens por suas formas instintivas. Confrontar o espectador. Os planos são janelas que se abrem ao tempo e o transmuta, assim como ao corpo, ao olhar, para esses se relacionarem com a mesma força que os produz. Corpo. Olhar. Tempo. Um jogo de sedução e interação que afeta o desejo de

---

<sup>3</sup> *Marcus – Ei! Você conhece um cara que se chama Solitária?*

*Marcus – Você conhece Solitária?*

*Qualquer – Eu tinha no meu estômago.*

visibilidade presente em “Irréversible”. Afinal, por que insistir em ver um filme que já se sabe como termina?

O tempo lateja no tique-taque. Esse é um filme concomitante: reúne passado, presente, futuro. Inicia pelo fim. Existe algo que veio antes, e é preciso fazer a arqueologia dessa anterioridade. Não há como começar pelo começo se as ações aconteceram antes de “acontecer”. A morte parece dizer mais sobre a vida de seus personagens. Os fatos são ações realizadas por uma sociedade indecente. Esse filme é um grito. Grito puro. Grito de horror ao tempo. Não há como fugir. Não há pudor no ato de filmar. Noé invade o espectador com uma narrativa exterior, explícita. É dolorosamente frio.

A sequência inicial de “Irréversible” parece narrativamente autônoma, desvinculada do resto do filme. É uma espécie de *cross over* de “Seul Contre Tous”, primeiro longa-metragem de Noé. Mostra um homem sentado na cama, nu com cicatriz no abdômen, avisando ao companheiro de quarto: “O tempo destrói tudo”. Este é um aviso também ao espectador. É preciso, sem dúvida, colocar-se em posição de alerta, que é crescente a medida que os planos seguem. Como quem se depara com registros indigestos e se esforça para reconstituir o que esses descrevem.

Uma narrativa de investigação pelo espectador. Contado do fim ao princípio, “Irréversible” estabelece conexões de uma sequência para outra. Essas são como cicatrizes, marcas de impotência. Noé retrocede o tempo, torna a ampulheta, para evidenciar o motivo, se não a razão, da fatalidade em *Le Rectum*. O tempo, que tudo destrói, é invertido para mostrar que não há escapatória. E este fato o filme já assume no seu título: “Irréversible”. Não há espaço para as doces esperanças do casal Alex e Marcus.

Alex (1h6m41) – O livro fala...Parece que o futuro já está completamente decidido. Tudo está arranjado. E a prova são os sonhos proféticos. Alex (1h18m21) – eu atravessei um túnel todo vermelho. Eu o atravessei, e esse se partiu em dois.

Alex conta, entorpecida, seu sonho para Marcus. Esse é um sonho devorador, perigoso, que engole Marcus e Pierre. Noé afirma que a vida é como um túnel, e cada um tem seu próprio túnel. Túnel como lugar de uma ação que não permite retorno. Túnel como metáfora do tempo, da vida. Noé finca com isso seu estilo distinto que faz desse, do ponto de vista cinematográfico, um filme fascinante. Noé quer ir ao extremo, virar e revirar o espectador. Um plano-sequência fixo, que sempre foi objeto de incômodo, mostra o estupro de Alex no túnel (9’). É uma escolha radical posicionar a câmera a uma distância razoável da ação e deixar todo o estupro se desenrolar. Essa escolha não como um regulador, e sim como um detonador.

O crítico francês, André Bazin, defende o plano-sequência esteticamente como um instrumento do realismo, permitindo a fragmentação do real e respeitando, portanto, o próprio real e a liberdade do espectador. No entanto, para diretores como Pasolini e Kubrick, referências de Noé, o uso do plano-sequência não visa capturar simplesmente um real ou uma verdade fundamental, e sim, acima de tudo, capturar uma visão particular do mundo. Noé é um criador e “só faz aquilo que tem absoluta necessidade” (DELEUZE, 1999). Ele não filma para agradar ao espectador ou, principalmente, a si mesmo. Aqui, remeto-me ao ato de criação que pontuei anteriormente. O realizador não filma para agradar ao espectador ou, principalmente, a si mesmo.

Noé deixa o tempo insurgir em “Irréversible” como uma forma de pensar a sociedade contemporânea, antes de pensar uma crítica da mesma. Tanto em um contexto filosófico, quanto em uma questão estética. Não há um sentido crítico ou uma vontade de tomada de consciência. Parte da ideia de uma espécie de “espelhamento” e de fragmentação da sociedade: exacerbação da sexualidade; superficialidade das relações; individualismo.

Ruas mal iluminadas. Subúrbio francês. “É perigoso atravessar a rua por conta do número de carros, mais seguro atravessar pelo túnel”, diz a Alex uma mulher negra, que está ao lado do poste. Alex atravessa o túnel e esse se parte em dois. O estupro parece interminável. Sequência meticulosa, precisa. Le Tênia se deita em estado de êxtase após alimentar-se de Alex, que ao seu lado tosse. Tenta respirar. Em estado de choque, ela arrasta-se pelo túnel. A sua mão treme.

Às vezes não há o que explicar. Às vezes tem apenas que foder e depois tudo está resolvido. Não sei o porquê. Os corpos falam. (...) Você é um intelectual. Mas é sempre terra, terra, terra. É só sobre sexo. É uma necessidade básica<sup>4</sup>.

Alex diz isso a Pierre em um diálogo jocoso, enquanto se dirigem para onde tudo começou. O seu sonho está lá para engolir a todos. A necessidade básica fez do homem um verme: Le Tênia. Alex se arrasta pelo túnel, não para tentar apenas fugir. Essa ação, antes de tudo, é a vida que respira, respira. Alex resiste. Sobrevive. Inspirando. Expirando. Inspirando. Expirando. Le Tênia se levanta. Agarra-a pelos cabelos e a soca. O seu viver é ralo.

O tempo da busca. O tempo de tensão. O tempo do retorno. O tempo de relaxamento. O tique-taque do relógio lateja. O tempo conta absolutamente cada instante,

---

<sup>4</sup> Interview Gaspar Noé: *For most people I know, the principal drive in life isn't drugs at all, it's sex. And I think this is something that is universal to us all.*

e todos os instantes somem na equivalência do deslocamento. De modo paralelo, o tempo é mecânico, ajustado, contato. Semelhante à pulsação regular de um coração. Tique-taque. Coração batendo. Em uma maca, Alex desfigurada. Tique-taque. Profunda dor. Marcus a vê. Tique-taque. Impotência.

*Irreversible*  
*Because time destroys everything*  
*Because some acts are irreparable*  
*Because man is an animal*  
*Because the desire for vengeance is a natural impulse*  
*Because most crimes remain unpunished*  
*Because the loss of a loved one destroys like lightning*  
*Because love is the source of life*  
*Because all history is written in sperm and blood*  
*Because in a good world*  
*Because premonitions do not alter the course of events*  
*Because time reveals everything*  
*The best and the worst.*<sup>5</sup>

Noé ratifica ao público, com a sequência do estupro de Alex, que o mundo é destrutivo, inseguro, que você pode perder tudo em um instante. O tique-taque permanece. O tempo como forma que destrói tudo. Em “Irréversible”, Noé fez uso de características comuns do Novo Extremismo Francês, particularmente, como definido no primeiro capítulo, brutalidade e violência sexual para acender a solidão e o vazio. Este filme é uma crítica cáustica à hipocrisia das relações interpessoais contemporâneas que implicam caos, incerteza, crise social.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Irréversible” é um filme puro sobre a impureza intrínseca às relações humanas. Trata-se logo de um filme pessimista, descrente na possibilidade de qualquer modificação. Totalmente niilista, usa de efeito de estilo para produzir a sensação de caos presente em seu filme. Noé faz deste um ato de criação transgressor. O corpo, em seu filme, é massa, carne. Os atos são ações irreversíveis. O corpo, assim como a vida, se transforma em mais um objeto de consumo. A explicitação do corpo, espaço de realização do sexo, do desejo, da violência. As relações humanas esvaziam-se. A violência é um

---

<sup>5</sup> Sinopse, disponível em Press Kit Irreversible. *Irreversible, Porque o tempo destrói tudo, Porque algumas ações são irreparáveis, Porque o homem é um animal, Porque o desejo por vingança é um impulso natural, Porque a maioria dos crimes permanece impune, Porque a perda de uma pessoa amada destrói como um relâmpago, Porque o amor é a fonte da vida, Porque toda a história é escrita em esperma e sangue, Porque em um mundo bom, Porque premonições não alteram o rumo dos eventos, Porque o tempo revela tudo, O melhor e o pior.* Tradução livre.

meio de sair da invisibilidade. O desencanto está no sexo que se torna um campo de expressão de poder. Entretanto, parafraseando Baudrillard (2004), não há perigo de ganhar o poder, porque o poder, de fato, não existe. A sexualidade como expressão de um vazio onde tudo é permitido. Os personagens são entregues a si mesmos, a vazios vertiginosos. Transgrede-se os limites. As camadas vão se desnudando.

A fotografia não é bela ou envolvente. A imagem não atrai os olhos do espectador. Noé trabalha com uma câmera leve para ir aos ângulos e aos movimentos mais obtusos no ato de filmagem. Utiliza-se disso com uma percepção notável, ferramenta fundamental para maiores devaneios na montagem. Esta é cínica, corrosiva, contínua ao exposto na fotografia: retrato de um mundo, excessivamente, concreto e, por conseguinte, obscuro.

A fim de tornar as sequências de “Irréversible” ainda mais indigestas, Noé faz uso perfeito do recurso sonoro. Além do incômodo pelos planos-sequências captados por Benoît Debie e Gaspar Noé, acentua-se esse incômodo pelas inaudíveis ondas sonoras de baixa frequência (27hz) na trilha insistente e experimental de Thomas Bangalter. Os primeiros trinta minutos do filme são acompanhados por essas ondas, quase inaudíveis, mas podem ser sentidas através do tórax e podem causar náusea e vertigem. “Irréversible” é forte, é físico. Noé se centra nos nervos do espectador com um ataque direto e brutal aos seus sentidos.

Quanto mais o filme se desvanece em feliz normalidade, mais a cena do estupro pesa. A câmera próxima aos corpos, partilhando da intimidade do casal. Erotismo. Adão e Eva no Éden. Marcus come a maçã e toma Alex em seus braços. Abraçados, dançam: *Tu me fais tourner la tête, mon manège a moi, c'est toi, je suis toujours à la fête, quand tu me tiens dans tes bras (...)*<sup>6</sup>. Noé limita o espectador. Não há chances de um novo final para os protagonistas, que estão limitados pelo destino. E como finalizar com um filme que já teve o seu fim exposto?

Gaspar Noé responde com um último passeio por um parque em Paris, agregado a efeitos colaterais. O girar da câmera em torno das crianças, sensação de vertigem. Esse é um efeito combinado de fotos sucessivas e cálculo de interpolação. Não é um movimento de câmera. Plano vertiginoso, de crianças brincando no parque. Alex os observa. Esse é o futuro que provavelmente ela nunca irá ter: ser mãe. Alex está gravemente ferida em um hospital. Damos a volta no mundo, mas não são tantas voltas

---

<sup>6</sup> Música MON MANÈGE A MOI, versão Étinne Daho: *Tu fazes minha cabeça dar voltas, tu és o meu carrossel, vivo em constante festa, quando me tomas em teus braços* (tradução livre).

assim. A terra não é lá tão redonda<sup>7</sup>. Algumas voltas no “mundo” e retorna a mensagem: *Le temps détruits tout*<sup>8</sup>. Efeito estroboscópico, últimos minutos de “Irréversible” anunciam: “Enter the Void”, terceiro longa-metragem de Noé.

A montagem inversa, o movimento de câmera vertiginosa e a trilha nauseante, potencializariam o transgressor presente nesse filme. Embora Noé tenha sido indicado a Palma de Ouro<sup>9</sup>, esse não foi um filme bem recebido quando lançado. Uma boa parte das críticas se concentrou no assassinato brutal e no estupro violento, mostrados de forma explícita. Gaspar Noé e seu cinema estão ligados ao Novo Extremismo Francês. Essa tendência abrange filmes tidos como transgressivos. Filmes esses compartilham uma narrativa onde o comportamento sexual violento, a incapacidade de mudança e o sentimento de desespero são coeficiente comum.

“Irréversible”, em particular, é um filme desafiador de convenções, friamente romântico, perturbador e alusivo sobre consciência da fugacidade da vida. Esse mostra os aspectos da existência humana, traduzidos por um suporte, que é o cinema. Não há violência gratuita. Assim, deve-se ver esse como uma experiência, não como uma atitude moral. Mais importante desse filme é a forma, a individualidade de estilo, a atmosfera que Noé encontra. Essa atmosfera está sempre marcada. O “verdadeiro”, o “real”, desse filme vem de um trabalho de imagem e de som do filme. A vida é uma tragédia. Noé encontra e faz disso uma experiência de cinema, de existência.

Ao lado de Carax, Denis, Noé é sem dúvida um dos mais importantes realizadores do Novo Extremismo Francês. Não só porque ele sabe captar os corpos em imagens perturbadoras, ao mesmo tempo, admiráveis. Se ele sabe captar esses corpos em imagens admiráveis é porque ele precisa desses corpos. Concluo com uma provocação a novas indagações: os corpos em longos planos-sequências cuja conexão não é dada previamente são conectados por meio de quê?

---

<sup>7</sup> Música MON MANÈGE A MOI, versão Étinne Daho: *Je ferai le tour du monde, ça ne tournerait pas plus que ça, la terre n'est pas assez ronde, pour m'etourdir autant que toi.*

<sup>8</sup> O tempo destrói tudo (tradução livre).

<sup>9</sup> Estreou no Festival de Cannes em 2002. Distribuição: Lions Gate Films Inc. Fotografia: Benoît Debie e Gaspar Noé. Produção: Christophe Rossignon. Gaspar Noé também é responsável pela edição e pelo roteiro. Monica Bellucci como Alex; Vincent Cassel como Marcus; Albert Dupontel como Pierre.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo, e outros ensaios**; Tradução: Vinícius Nicasto Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AUMONT, Jacques. **O cinema e a encenação**. Lisboa: Edições Texto & Grafia. 2006.
- AUMONT, Jacques. **O olho interminável: cinema e pintura**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- BAUDRILLARD, J. **A Arte da Desaparição**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- BAUDRILLARD, J. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BEZERRA JR, Benilton. **Novas Fronteiras da Subjetivação**. Palestra no programa Café Filosófico CPFL. Gravada em 03 jul. 2009. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/video/integra-novas-fronteiras-da-subjetivacao-benilton-bezerra-junior>. Acesso em agosto 2014.
- BORDWELL, David. **Figuras traçadas na luz: a encenação no cinema**. Campinas: Papirus, 2008.
- CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. Revista Estudos Históricos, v. 1, n. 21, 1998. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2071>. Acesso em agosto 2014.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Tradução de Fernando Albagli e Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder: a inocência perdida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- COLAK, Metin. **The New Extremism: Representation of Violence in the New French Extremism**. Disponível em : <http://zip.net/bjpkc4>. Acesso em agosto 2014.
- DANEY, Serge. **A rampa. Cahiers du cinema – 1970-1982**. São Paulo: Cosac e Naif, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Trad. José Marcos Macedo. Em: Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 27 de junho de 1999.
- Deleuze. Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed 34. 1997.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura**, música e cinema (Vol. V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 1a Ed. Martins Fontes - SP, 2004.

HUAPAYA, Cesar. **O encontro da encenação com a performance**. Disponível em: <http://migre.me/kTPPZ>. Acesso em julho de 2014.

IRREVERSIBLE. **Press Kit Irreversible**. Disponível em: <http://www.accentfilm.com/mediakit/1000007.pdf> Acesso em agosto de 2014.

**Irreversible** (filme). Direção Gaspar Noé. Produção Christophe Rossignon. 120 Films, Les Cinémas de la Zone, StudioCanal, 2002. DVD.

JULLIER, L.; MARIE, M. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Sesc, 2009.

KAPROW, Allan. **Escritos de artistas: anos 60 e 70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MURCH, Walter. **Num piscar de olhos: edição de filmes sob a ótica de um mestre**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

PALMER, T. **Style and Sensation in the Contemporary French Cinema of the Body**. Disponível em: <http://zip.net/bspkFN>. Acesso em agosto 2014.

QUANDT, J. **Flesh & Blood: Sex and Violence in Recent French Cinema**. Disponível em: <http://zip.net/brpkz4>. Acesso em agosto de 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do sensível: estética e política**. São Paulo, Expo Experimental. 2005.

RIVERA, Tania. **Cinema E Pulsão: Sobre IRREVERSIVEL, o trauma e a imagem**. Revista do Departamento de Psicologia – UFF, v. 18 - n. 1 p. 71-76, Jan./Jun. 2006.

SCHMERKIN, Nicolas. **Interview: Gaspar Noé**. Disponível em: <http://www.festival-cannes.com/assets/Image/Direct/029848.pdf>. Acesso em agosto de 2014.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

*Lohayne Lima<sup>10</sup>. Estudante do curso de Cinema e Audiovisual, ICA/UFC. Pesquisadora no projeto "Cinema Experimental: o legado do cinema de Jonas Mekas na produção contemporânea", sob orientação da professora Dr.ª Sylvia Beatriz Bezerra Furtado.*

---

<sup>10</sup> CV: <http://lattes.cnpq.br/9303351365189990>